

# ALVORADA

1.º Anno

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 17

Editor,  
Dr. Alberto Rodrigues  
Redacção e administração  
Rua da Republica, 154  
GUIMARÃES

Director,  
N. L. de Carvalho  
Propriedade da Empresa da «Alvorada»

Administrador,  
Rodrigo Pimenta  
Officinas de composição e impressão  
Typographia Minerva Vimaranesense  
R. DE PAVO GALVÃO

Guimarães, 18 de março de 1911

## A COMMUNA

Commemorar esse acontecimento estupendo da Communa é prestar culto á grande individualidade historica—o Povo, é despertar no calendario da Humanidade uma aurora de luz immersa num poente de sangue e fogo, é, enfim, saudar o triumpho legitimo do trabalhador.

Evocamos na nossa alma de crentes essa data gloriosa de 18 de março de 1871, dia em que o povo francez, esfomeado de Justiça e sequioso de Ideal, agitou a juba leonina, eriçou as pedras das calçadas, incendiou Paris, animado então num são impulso de Verdade.

Historiemos: O solo patrio invadido e vexado pelos soldados prussianos de Guilherme I (que Thiers não soube ou não pôde evitar), e a Republica ameaçada pelos monarchicos da Assembleia de Bordeus (que procuravam impor-se pelos acontecimentos) foram a causa directa que produziu esse acto revolucionario chamado—a Communa de Paris.

A causa indirecta ou fosse o sentimento activo que animou os revolucionarios, provinha da «Internacional», essa admiravel organização socialista que, fundada em 1864 por Marx e outros, fez repercutir no espirito descontente do povo francez aquelles principios consignados pela Grande Revolução e os quaes a 3.ª Republica (porque ainda não tinha chegado aos seus programmas maximos), não podera satisfazer.

Assim, a Communa não teve feição politica e nella collaboraram todos os avançados e todos os descontentes.

Manteve-se 70 dias, decretando durante elles algumas leis sabias, entre outras menos prudentes, vindo a succumbir pelas armas, pela fome e pelo terror, ao assedio das tropas de Versailles.

Faz hoje 40 annos que este acontecimento foi.

Diz-nos um livro, que acabamos de ler, que ha 40 annos os revolucionarios Communistas eram apodados de «canalhas»...

A Historia respeitandolhes a memoria chama-lhes «vencidos».

Nós somos pela sentença da Historia.

## Leves considerações archeologicas

### NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA

(Conclusão)

Existe num dos lados da porta lateral da esquerda um tumulo antigo assente em dois leões de pedra, com uma inscripção na caixa, como tambem um outro se occulta atraz do orgão, servindo de base á janella sobre a porta principal, e que representa uma figura deitada sobre almofadas (parecendo esculpido em pedra Ança) com vestigios muito apagados de incrustações de tinta e ouro, e uma inscripção.

Abandonando, consequentemente, o interior do corpo da igreja, sob cujas guarnições e relevos correctamente dourados não imaginamos sequer, se o não soubessemos de antemão, que se occultam tantos primorosos labores architectonicos, apenas nos resta analysar a fachada da mesma igreja, que nem essa! escapou á vandálica reforma.

Num relance de vista geral notar-se-ha logo a deformação do cunhal do lado sul, que fôra rematado com uma pilastra jonica, modificando assim exteriormente a estrutura primitiva dessa fachada.

O portico é composto de esveltas columnas fechadas em arcos ogivaes, coroado por uma grande e delicadissima janella toda rendilhada, com esculpturas, mulsulas e baldaquinos, servindo de caixilho á rosacea central de colorido vitraes, que foi despedaçada e substituida por uma parede de cantaria com quatro oculos de tamanho desigual. Eis um dos maiores crimes praticados n'aquelle monumento, sendo o primeiro que resalta aos olhos de quem vê, e um dos que cava mais fundo desgosto. D'essas janellas, que são um dos primores ornamentaes da arte gothica, tinhamos alli um raro exemplar que se poderia equiparar aos dos templos portuguezes, n'esse estylo (como alguns que nomeei), ou ainda ás formosissimas rosaceas de Notre Dame, de Amiens, de Chartres e de Reims (França), de Strasburgo, de Colonia (Allemanha), e outras mais. Interiormente foi atrancada com o pezado orgão.

As portas lateraes são encimadas por janellas de sacada, que igualmente não são da restauração de D. João I, sendo as do sul as mais modernas.

Adulterada completamente a antiga construcção na harmonia subtil das suas linhas de conjunto, ficou unicamente para a... decepção de vindouros a desastrosa e nunca assáz deplorada reconstrucção do seculo XVIII.

Resta, sómente, falar da torre que se ergue a noroeste da igreja

e que fôra mandada edificar por Pedro Esteves Cogominho e sua mulher (1513), não sendo a do tempo de D. João, pois que essa caíra em ruinas. E' nos baixos d'ella que sob uma aboboda de pedra se encontram os tumulos de seus fundadores, lavrados em pedra d'Ança, com duas caracteristicas estatuas jacentes, em trajes de gala, no costume da epocha, tendo á cabeceira um altar. Hoje acha-se escorada a aboboda d'esta capella, que já se desmoronou em grande parte, destruindo os preciosos mausoléos!

Ao illustre cabido da Collegiada, a quem certamente cabe velar pela conservação destas reliquias antigas, aproveito o ensejo de digirir aqui as minhas palavras de maguado protesto pelo irreparavel desleixo commettido, causa de que dentro em pouco não reste mais dessa capella do que um montão de entulho! E' necessario que nem todos os olhos sejam cegos deante deste solemne desprezo por obras d'arte de valor historico, chegadas ao mais adeantado estado de ruina.

Não é a minha erudição, sem duvida, (seria desvanecimento), que vem lamentar este enorme desastre; mas a minha veneração por essas interessantes joias do passado.

E para terminar este succinto e ligeiro trabalho de tão minguado prestimo, exclusivamente inspirado amor á minha terra, devo repetir e de novo esclarecer que não foi meu intento mais que despertar o sentimento de apreço e dedicação por estas reliquias antigas, como são as de que vim tratando, e que um crime é condemnalas ao esquecimento e abandono de que resulta a ruina.

O meu desejo seria poder antevêr, ainda que num futuro distante, o resurgimento artistico de Nossa Senhora da Oliveira; mas em vez de palavras de enthusiasmo eu não encontro senão palavras de descrença e desillusão, e amarguradamente penso que isso —era uma verdadeira utopia...

Jeronymo d'Almeida.

## ECHOS

### A' letra

A *Alvorada* proseguindo na sua acção de doutrinação fez distribuir profuzamente em folheto as palavras de Ramalho Ortigão «Os perigos da religião», por entender que elles tem nesta passagem da quadra quaresmal uma oportunidade e um alcance flagrante. Que ellas são palavras sensatas, sem febres demolidoras, não ha duvida. Pois um clerigo tomado de sagrados zêlos, vendo um desses folhetos afixados numa

parede, foi-se a elle e... (oh zêlos!) rasgou-o!

Vieram-nos contar o feito com seus laivos de indignação e revolta.—Não pode ser! é preciso uma lição! clamavam os nossos apaixonados informadores.

De accordo. Sómente a melhor lição nós entendemos que esta seja:—dar a publico em linguagem simples, clara e incisiva mais algumas verdades como as que tiveram o privilegio de desagradar ao clerigo.

Assim o promettemos, assim o devem esperar de nós.

### Hospital de Vizella

A meza da Santa Casa da Misericordia desta cidade, depositária dum legado antigo e cuja importante verba está hoje em perto de 150 cofitos de reis, vae depôr nas mãos da illustre auctoridade do districto o cumprimento dessa disposição testamentaria. Affirmam-nos que a unica razão porque este legado não foi ha mais tempo cumprido se deve não á má vontade desta instituição vimaranense mas á *trica* da politica monarchica, soprada pelos *chavões* vizellenses. Sendo assim, mais uma virtude da Republica é mistér assinalar. Não lhes parece?

Será já na proxima semana que a meza da Santa Casa se desobrigará da sua muito acertada e louvavel resolução.

### Retardado

Detivemos na redacção por absoluta falta de espaço—coisa que raro nos succede—os assumptos «Archivando», «Carta de Urgez», etc.

Deviamos esta satisfação; ella ahí fica.

### Manifesto

Correu mundo, como soi dizer-se, um manifesto distribuido pela Academia Vimaranesense assim intitulado:

(AO PUBLICO)

*Leves considerações ao snr. Presidente da Camara*

Lemos e vimos tratar-se dum desaggravo pela maneira «menos correcta e menos delicada» como aquelle snr. os recebeu no momento em que alli foram «manifestar o seu pezar e o seu descontentamento» contra alguém que, «com intenção criminosa e contra vontade da academia» inutilizou a placa de Ferrer.

E terminam por estas palavras: «Os nossos sentimentos nobres, o nosso patriotismo e a forma como fomos recebidos é que nos obrigam a protestar, livre e espontaneamente».

### Em abono

Noticiamos no nosso ultimo numero que os academicos do lyceu acompanhados do Reitor haviam sido mal recebidos pela Camara, no momento em que estes alli iam afirmar o seu protesto pelo vandalismo praticado contra a placa que ao largo indicava o nome.

Acceptando, porem, melhor opinião, dever é declarar que quem no edificio municipal recebeu a Academia e o Reitor por maneira desprimorosa e grosseira não foi a Camara; foi o presidente... da Camara!

Assim nol-o informa *A Velha Guarda*, nosso collega local.

### Pergunta

#### Resposta

#### Considerações

«Pode v. ex.ª informar a *Alvorada* dos resultados da diligencia a que pela auctoridade administrativa se procedeu no intuito de averiguar quem foi e em que circunstancias se deu o apedrejamento que inutilizou a placa do largo «Francisco Ferrer»?

«Os rapazes, aqui inquiridos, disseram que procederam ao apedrejamento da placa, mas que ninguem lhes mandou praticar tal selvageria.

*Secretaria da Administração do Concelho de Guimarães.*»

Quem são estes rapazes a que allude a auctoridade na sua resposta?

Tres *pichotes*, tres *catraios*, tres creanças, em summa, a quem por certo nem a Academia nem os professores armaram o braço *plaquissida!*

Não, por certo!

Se o fizessem, acreditem-no, iriam commetter o attentado, como criminosos, pela calada da noite, espreitando as embocaduras do largo. E os rapazes nada disso fizeram. Foram-se á placa porque ouviram fallar com desagrado naquillo e, á hora do dia, sem reservas, zaz! era dumavez uma placa.

Depois, que custava: já o haviam feito á placa anterior como da mesma maneira se serviram fazer... aos vidros do snr. conde, visinho!

Chamar-lhes agora anti-ferristas? Suspendam seus juizos!

São rapazes; foi uma partida... de rapazes!

Açoites? Como quizerem, menos envolver professores e academia, no que é só da responsabilidade de 3... rapazes!

Que lá dentro se albergue uma má vontade e um certo desagrado pela deliberação camararia que ao largo mandou que se chamasse de «Francisco Ferrer», isso acreditamos, isso sabemos. Que



até certo ponto alli se rejubilasse com a partida, que uma alegria feroz lhe illuminasse o olhar tambem sômos em acreditar. Mas que a academia e professores preparassem o attentado vil, o attentado canalha, isso é que já-mais acceitaremos—embora seja o nosso collega *A Velha Guarda* que o diga!

**A' boa paz...**

Com o nosso agradecimento no proximo numero daremos resposta ao esclarecimento do snr. Campos Beltrão. Esperemos todos... com saude.

**Cartas litterarias**

Por nos haver chegado tarde só no proximo numero publicaremos a mimosa producção litteraria do nosso intelligente collaborador, Alfredo Guimarães.

**“Porque ham de apavorar-se os padres com a Republica?”**

Queremos neste momento em que a pastoral dos bispos e as consequencias que se lhe seguiram veem pôr em relevo quaes sejam as relações entre a Republica e a Igreja, destacar para aqui uma carta escripta a um jornal do Porto por um padre distincto da nossa terra, carta que constitue um exemplo e uma lição, muito para citar na presente conjunctura. Segue a carta:

«*Meu ex.º am.º*—Apoz umas enormes ferias (não fallando em feriados) que oxalá o novo regimen reduza, como já reduziu as galas, entro hoje em exercicio de funcções professoraes, no Lyceu, desta cidade. Apraz-me vir declarar neste momento a v.º ex.º, dignissima auctoridade administrativa local, — que adhiro franca e lealmente á Republica que a evolução nos trouxe no rapido carril dos desmandos e descredito do regimen extincto.

Adhiro não com o simples acatamento da impotencia, não com a mera obediencia passiva, mas com a arasgada affirmacão da minha sympathia e da firme crença, em que estou de que, com o advento da Republica, raiaram para a nossa Patria melhores tempos. Do que tenho pena é se, quasi a *cincoenta*, não logro ver toda essa pujante florescencia que antevio a nova seiva fará brotar da grande arvore secular, tão depauperada!

Adhiro, sim, á Republica e creio que, sob o seu regimen, o velho Portugal pode renascer para a *realiza* das maximas prosperidades e todos podem, se o quizerem, ascender até ás culminancias da santidade christã.

Adhiro e pergunto: «Porque ham de apavorar-se os padres com a Republica?» Eu penso que só terão que recear della aquelles de quem ella tiver que recear tambem.

Oxalá que elles saibam, salvaguardando *crenças*, não *excescencias*, receber sem esgares doentios a Joven Republica triumphante e comprehender que as hostilidades e intransigencias criaram ao clero francez uma situação de desfavor e revindicta que podera ter-se attenuado.

Este meu deslizar para a Republica, meu caro amigo, não é um gesto astucioso de adoracão ao sol nascente, não é um passo calculado de maromba politica; é o naturalissimo pendor e suave declive dum homem que sempre buscou elevar-se pelo trabalho, que sempre pugnou por ideias de

justiça e honestidade, e que, ha mais de 20 annos, tem vivido alheio ás aggremações e luctas partidarias.

Adhiro, pois, sem *encavacar* porque, se é certo que nunca estive inscripto nas fileiras republicanas, não o é menos que, desde ha muito, pairava nessa atmosphera o meu espirito liberal. Esta adhesão, meu caro dr., faço-a agora com tanto mais prazer quanto é nas mãos de v. ex.º que a deponho, de v. ex.º, cujas qualidades de intelligencia e character ha muito admiro; e as de prudencia, cordura e bondade ainda nos ultimos dias se revelaram altissimas como administrador de Guimarães.

Dizia-me hontem um amigo de alta posição no nosso meio: «Teve Guimarães a boa fortuna de dar-lhe a Republica para administrador aquelle rapaz (perdoe v. ex.º o apparente desprimor) que é intelligente e delicado e que, sem quebra dos seus principios nem postergar ordens superiores, tem sabido dulcificar as agruras do momento.»

Para findar, saúdo na pessoa de v. ex.º a Republica Portuguesa!

Esta carta pôde v. ex.º torná-la publica e até o desejo, mas na sua integra.

Saude e Fraternidade!  
Guimarães, 17 de outubro de 1910.

De v. ex.º, amigo, att.º ven.

Conego José Maria Gomes.

**Arquivando**

Da «Associação de Soccorros Mutuos Artística Vimaranesa» recebemos o seguinte officio que gostosamente transcrevemos:

Cidadão director da «Alvorada»

No ultimo numero do vosso jornal veio transcripta a noticia publicada por qualquer diario do Porto ou Lisboa, de que na Associação de Soccorros Mutuos Artística Vimaranesa havia um desfalque de *cinco contos de reis*.

Eu não comprehendo, snr. director, como é possível que numa casa onde o capital é aproximadamente de *dez contos de reis* nominaes, em papeis de credito de assentamento, e cujo rendimento total, incluindo as quotas dos socios, é inferior a *um conto de reis* annual todo applicado a soccorros a socios doentes e invalidos, seja possível dar-se um desvio de *cinco contos de reis*, quando taes papeis são inalienaveis, salvo de liberação expressa da assemblea geral; mas emfim como quer que perante o espirito calumnioso da epocha e para o appetite de soa-lheiro tudo seja possível e como, infelizmente, da calumnia alguma coisa sempre fique que possa influir nefastamente nos sentimentos altruistas dalgum benemerito da prestante Associação, a que tenho a honra de presidir, vou convocar uma assemblea geral extraordinaria, afim de ser nomeada uma commissão de syndi-cancia.

Absolutamente confiado no espirito de justiça e inquebrantavel rectidão que vos caracteriza, snr. director, venho rogar-vos a fineza de dardes publicidade a estas linhas no proximo numero do vosso jornal.

Saude e Fraternidade.  
Guimarães, 9 de março de 1911.  
O Presidente da Associação de Soccorros Mutuos Artística Vimaranesa.

Simão Ribeiro.

Depois disto resta-nos dirigir a

nós mesmos a pergunta:—E' justa a accusação na «Republica» inserta e transcripta no ultimo numero da «Alvorada»?

Não o sabemos. O que nos parece, se não estamos em erro, é que já antes da affirmacão da «Republica» e consequentemente da transcripta na «Alvorada», um jornal local se referira a este... desfalque. Sendo assim, é para lamentar que então não encontrassem ensejo para o reparo—sem duvida indispensavel e urgente!

Tem a palavra a Assembleia Geral, não é verdade?

**Pela nossa terra**

**Uma commissão da cidade vae a Lisboa defender assumptos de interesse local**

Depois do despertar alvoroçado dos vimaranenses justamente interessados pela integridade do seu concelho, eis que vartidos os primeiros rumores e sobresaltos—porque a verdade é que tudo parece nesse ponto tranquillo—no-vo presagio de perigos entra de correr e de tomar vulto:—que o nosso regimento retiraria pela impossibilidade de nesta cidade se fazer aquartelamento para uma divisão maior projectada na reforma do exercito.

Comprehende-se que se o primeiro caso nos interessava, o segundo não é para desprezar nem ter em menos conta.

Depois, pergunta-se:—Será verdade ou balela? Não haverá motivo para receios?

Devemos descançar? Evidentemente que estando nós, estando o paiz passando por uma grande, uma profunda remodelação, evidentemente que não será para estranhar quaesquer... novidades.

Foi obedecendo, por certo a este criterio que o assumpto veio a uma reunião a qual se reuniu, está claro, a convite da sympathica collectividade que é a Associação Commercial.

Reunida, assim pois, a commissão organisadora do centenario, Camara e Associação Commercial, nella se debateu o assumpto já tanto do dominio e espirito publico, achando-se da maxima conveniencia que uma commissão technica logo alli nomeada, estudasse a melhor forma de evitar que, por falta de aquartelamento, esta cidade viesse a perder enormemente na sua economia e consequentemente a declinar nos outros da sua importancia.

Entrando-se depois no assumpto do Centenario Affonsino, que a Guimarães compete solemnizar porque foi Affonso Henriques o vimaranense illustre, fundador da nossa nacionalidade, foi presente uma proposta pelo snr. presidente da Camara para que uma commissão fosse a Lisboa conferenciar com o governo sobre estes e outros importantes assumptos, ficando constituida por dous representantes da Camara, administrador do concelho, presidente da Associação Commercial e dous membros da commissão do centenario.

Breve se irá desempenhar da sua missão, tão ardorosamente cheia de amor por esta terra—que é a nossa.

**EM FOCO...**

**Por causa da integridade**

**e mais da autonomia!**

—Aos comícios!  
—Vamos aos comícios!  
—Viva a integridade do concelho!  
—Vivam as suas 82 freguezias!  
E estes bradões febris, entusiasticos, impetuosos... e mais alguma coisa, corriam de loja em loja, de bocca em bocca, por toda a parte; sempre febris, sempre entusiasticos, sempre impetuosos... e mais alguma coisa.

A invulnerabilidade, a integridade, a inatabilidade do concelho tal foi a semana passada, o grito, o *mot d'ordre* da grave, da austera, da pacata familia vimaranense!

Já o carrilhão do patriotismo tocava a rebate alvoroçando os corações, já uma *marselheza* de revolta cantava no peito dos patrioticos:

«O' Guimarães, teu progresso, tua vida  
«E' toda a nossa aspiração!...»

Fallava-se, gritava-se... ia acceza a polemica pelos botequins, a Havaneza regorgitava de bairristas... mais ou menos illustres, mais ou menos incendiados!

—Não pode ser! gritava um patriota de pezos e medidas, esmurçando a eloquencia com muros no balcão.

—Guimarães... o berço! ainda sabe o que lhe cumpre fazer! Irá até ao fim!

—Se fôr preciso! arrematava com firmeza um outro lealissimo e esturradissimo filho da patria do grande Affonso!

Não se sabe porem se foi preciso, porque, então, só uma vontade, só uma voz, só uma apprehensão preoccupava o burgo heroico: era necessario vir para a rua. Que a praça publica se manifestasse, que a multidão ahi rugisse o seu protesto!

Era necessario! Mais do que necessario: era urgente!

—Viva a «integridade»!  
E á memoria dos velhos perpassavam então esses acontecimentos da nossa historia local tão celebrada...

Tempos!... tempos!...  
Ha vinte e cinco annos, talvez... o grupo dos entusiastas... a união ao Porto... a corrida até á Falperra... o diabo!...

Tempos!... tempos!...  
Ai, mas ainda assim, Guimarães era preciso que não dormisse! Retalhar sobre os lombos da sua indifferença o patrimonio dos nossos maiores seria um crime e crime de maldição!  
Oh! isso não!

A'lerta, pois, filhos de Guimarães!

A'lerta, pela nossa terra!  
E desta maneira a lança e o arnez das boas batalhas, ficou em riste... para o que desse e viesse.

Que dizemos!  
Proclamações tendenciosas, reuniões magnas, commissões em marcha, telegrammas pelos fios, tudo isso que vale uma batalha, nós o fizemos—«Por Guimarães», na semana que passou... que passou, oh! sim, para socego das nossas almas e peccados!

Parece estarmos vendo em cenographia de theatro uma respeitavel, uma distincta, uma bem posta commissão de cavalheiros, subindo a passo resoluta a escadaria do ministerio apoiada ao braço amigo duma apresentação sem patrocínio, mas sempre uma apresentação, á qual parece ouvirmos:

—Eis aqui os da ridente, os da pittoresca, os da linda Vizella que querem um concelho... em bom uzo.

E o ministro com pressa, num sorriso, sem attender ao desmanchar da esperanza naquelles peitos arquejantes de *oconomia*, emancipação e resgate, solta-lhes á queima roupa esta resposta:

—Enganaram-se os illustres e prestantes influentes da ridente, da pittoresca, da linda povoação de Vizella. Esta Republica não é regida pela batuta do snr. Alpoim. Os concelhos não são talhados sobre o panno verde da batota eleitoral. Ha uma commissão encarregada de estudar a nova divisão administrativa. Se lhes tocar alguma coisa, lá lhes vae bater á porta. Socegum pelo futuro.

E a commissão, agora menos distincta, menos respeitavel e, sem duvida, menos bem posta, desceu a passo frouxo a larga escadaria... amparados ao braço amigo da apresentação indifferente.

Bem diziamos nós aos de Vizella que o seu ideal só era legitimo quando não ia alem duma caixa de correio na estação!

Bem diziamos nós aos de Guimarães que não partissem em som de guerra, porque tudo se havia de artanjar na paz do trabalho!

Ah! mas a verdade é que se Guimarães não caiu em pezo contra Vizella... foi só para que lhe não caísse em casa Riba d'Ave! Se não... o que seria da Republica!

Uma desgraça só em pensa-lo!

**A nova Direcção da Sociedade M. Sarmento**

*Effectivos*—Dr. Alberto d'Oliveira Lobo, Domingos Leite de Castro, capitão Duarte do Amaral Pinto de Freitas, tenente Francisco Martins Ferreira, João Rodrigues Loureiro, José da Costa Santos Vaz Vieira, João Gualdino Pereira.

*Substitutos*—Abel de Vasconcellos Cardoso, dr. Abel de Vasconcellos Gonçalves, dr. Alfredo de Oliveira de Sousa Peixoto, dr. Fernando Gilberto Pereira, dr. João Martins de Freitas, José Luiz de Pina, dr. Pedro Pereira da Silva Guimarães Junior.

**Espectáculo de sensação**

Consta que brevemente se realizará um atrahente espectáculo no «Salão Etoile».

**Arrematação municipal**

A Commissão Administrativa da Camara Municipal deliberou pôr em arrematação o exclusivo de fornecimento de carnes verdes na povoação das Galdas de Vizella, a qual está annunciada para o proximo dia 22 do corrente. Achamos louvavel esta medida.



Pittoresco

**Na Sociedade M. Sarmiento realisa-se, com concorrência pela primeira vez, uma assembleia de eleição**

Promenorismos: Para dar cumprimento ao estatuto realisava-se hoje em 2.<sup>a</sup> convocação e, portanto, com qualquer numero de socios, a assembleia para a eleição dos novos corpos gerentes da Sociedade M. Sarmiento, instituição votada á instrução popular no concelho.

Ora succede que um desinteresse absoluto desde annos, mesmo muito annos, tornava esse acto desconhecido e abandonado, resultando de nem sempre ser acertada a escolha, estabelecendo-se alli como que uma rotação de alcatruzes onde a letra d'ordem cantava assim:

«Ora agora vaes tu,  
Ora agora vou eu,  
Ora agora vaes tu,  
Vaes tu... e mais eu!»

Era necessario acabar com tal costumeira. Que não mais com direito se dissesse que a collectividade de Sarmiento era ninho de reaccionarios, aquario de privilegiados. Depois, e como exemplo, uma licção se impunha que bem mostrasse aos donos d'aquillo quanto não é impunemente que se provoca a opinião e o espirito liberal duma cidade e, mais particularmente, da propria instituição que, pela sua tradição e pelos seus fins, liberal tem de ser.

Neste intuito, pois, sem ter conhecimento que para a 2.<sup>a</sup> convocação se fizesse o que determina o § unico do art. 9.<sup>o</sup>, resolvemos nós e mais alguém comparecer com lista.

Não tivemos, todavia, a veledade de triumphar contra a corrente e, ao faze-lo, outro intuito não tivemos que não fosse de por essa maneira consignarmos uma vontade e um protesto justificado na conjunctura pelo deslizado descaramento que a direcção tivera uzando de um *modus vivendi* para eliminar, como o fez, do seu gabinete de leitura a imprensa republicana e independente.

Era assim que a nossa campanha de então—visto na altura propria contra tal medida soberamos protestar—era assim, repetimos, que a nossa missão se fechava.

Dia de inverno e tormentoso. A ultima hora uma imprudente revelação pôs os de sobreaviso.

—Elles ali veem! foi o grito. Tocou Araujo a alárme, correndo vizinhos, patrões e moços, andando tudo em roda viva á cata de leaes amigos. E ninguém faltou, Deus louvado! Exemplo assim já-mais se vira! Foi um verdadeiro «corro a salvar-te!»

Estavamos satisfeitos.  
—Está aberta a sessão, diz o snr. presidente.

—E' melhor esperar pela luz, objecta-se.

—Convem mandar dispor as cadeiras, acrescenta-se.

—Está aberta a sessão. Vae-se proceder á leitura da acta.

Maçadoria que escorre qual azeite de almotolia.

—Está approvada a acta. Vae-se entrar na ordem do dia.

—Snr. presidente, diz o nosso correligionario Rodrigo Pimenta, mando para a meza a seguinte proposta:

—Perdão. Esta assembleia é para a eleição e nada mais. Querendo apresentar alguma proposi-

ta só reclamando uma assembleia geral especial.

—V. Ex.<sup>a</sup> quer ter a bondade de indicar-nos, se não é legislação especial, qual é o art. da letra estatutaria que tal determina? interviemos.

E a discussão agora vem da presidencia para a assembleia, tudo dizendo subtilezas, habilidades, *trucs*, no sentido do nosso correligionario não ler a proposta que ia assignada tambem por nós.

Art. 11.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> 4.<sup>o</sup> da Assembleia Geral: «Não admittir proposta nem discussão de assumpto estranho aos fins sociaes, etc.»

Bem disseramos ao snr. presidente que só não podia ser admitida a proposta se ella fosse extranha aos fins sociaes! Não houve de quê! O snr. presidente quiz e quer, já agora, dar-nos o trabalho de requerer uma assembleia geral!

Pois requereremos então a assembleia geral, que diabo! E' só o ensejo de, mais uma vez, proclamar a verdade lá dentro e promover o habito da concorrência e do interesse na distincta collectividade vimaranense.

Que custa isso, afinal!

—Nota amigavel: O escrutinador snr. João Gualdino nem sempre lhe é possível escrever um nome... sem que nós o não descubramos. Será assim?

**Carta d'Urgez**

Eu disse na minha carta do numero passado deste semanario que o cidadão presidente cá da nova junta parochial trazia projectos em elaboração e que eu aguardava o dia em que os *dêsse á luz*, para conscienciosamente os apreciar.

De facto, se eu mais depressa fallo no caso, elle mais depressa convocava reunião. E, com effeito, era uma hora da tarde do passado domingo, quando todos os membros da referida junta parochial se achavam reunidos numa das salas do rev. Parocho, que este lhes offereceu para aquellas reuniões.

O cidadão presidente, fazendo a cerimonia habitual que compete ao seu logar, apresentou logo, de corrida, a necessidade duns reparos na igreja, que podiam, dizia elle por calculo, orçar nuns 100.000 reis.

Propoz então á assemblea que para custear essa despeza fosse a freguezia derramada, mas isto com brevidade, acrescentava, antes que venha a lei da separação da Igreja do Estado.

Neste ponto foi assaltado; teve por parte da assemblea quem se manifestasse contrario a tal proposta, expondo-lhe que para pôr em pratica essa resolução ainda era cedo, pois como ainda ha poucos dias tinham tomado posse, isso era o bastante para indispor totalmente a freguezia.

Eu, da minha parte, não deixo de concordar com essas obras na igreja, porque na verdade, em partes é evidente a sua necessidade; com o que eu não concordo é que, para conseguir receita para esse fim, não veja o cidadão presidente um outro meio, sem ser o meio de derrama!

Fuja d'esse caminho a comissão administrativa; enverede por um outro que tenha mais tendencia á boa razão. Tem por exemplo, para não vir assim de repente, um meio mais conveniente, mais louvavel e sympathico para o conseguimento d'esse fim. Abram uma subscrição volunta-

ria, percorram a freguezia, e verãrão como colhem talvez maior receita ainda, sem vir a campo com essa medida tão desagradavel e de tão mau effeito no momento actual.

De mais, eu pergunto ao cidadão presidente, se ainda não teve tempo de fazer ver a todos os membros da junta, pelo menos, quaes os fundos do cofre da parochia?

Sim, porque pode ser até que exista receita para tão mesquinha obra, sem incommodar os parochianos...

—Fallarei tambem sobre o assumpto da escola.

Deudé

**A calumnia de rastos**

Pedem-nos a publicação do seguinte:

«Sem alterar a orientação da nossa conducta jornalística e dentro dos moldes correctos em que sempre vasaremos os processos a seguir, consignamos hoje o triumpho impertubavel da Verdade e apresentamos ao publico consciencioso e honesto os seguintes documentos:

Tendo-nos pelo Ex.<sup>mo</sup> Governador Civil d'este districto sido committido o encargo de proceder ao exame de numerosos documentos referentes á attitude politica do ex.<sup>mo</sup> snr. dr. José de Souza Guimarães, actual administrador do concelho dos Arcos de Valdevez, declaramos pela nossa honra que a sua leitura nos deixou plenamente convencidos da inquebrantavel lealdade d'este cidadão ao ideal republicano, antes e depois de 5 d'outubro e de quanto são **calumniosas** as referencias contra o mesmo funcionario propaladas pelo *Avante*, semanario da mesma villa e de que é director o bacharel Germano Amorim.

Manuel Rodrigues da Silva, vereador municipal; José Antunes Vianna, vereador municipal; Padre Manuel Pires Gil, vereador municipal e reitor do lyceu; Antonio José de Mattos; Francisco Costa d'Oliveira Bastos; Luiz Faria, vice presidente da Camara e secretario particular do Ex.<sup>mo</sup> Governador Civil.

Conheço o *Avante*, dos Arcos, e a campanha que este semanario moveu ao snr. dr. José Guimarães. Conheço o director do *Avante*, snr. dr. Germano Amorim, com o qual mantenho, desde Coimbra, relações de amizade. Presando acima de tudo a verdade, declaro sob palavra d'honra que pelos documentos que vi e pelo conhecimento pessoal que tenho do snr. dr. José Guimarães, o sei um leal republicano desde bem antes de 5 d'outubro.

Vianna do Castello, 2 de março de 1911.

João Pereira Ramos Paç.

Estes documentos são firmados pelos nomes de maior prestigio no antigo partido republicano de Vianna do Castello. Republicanos historicos, todos os signatarios desde ha muito que se destacam na capital do districto pela sua inquebrantavel e leal honestidade partidaria.»

**CONVITE**

A Comissão delegada pela Camara Municipal para regulamentar o descanso sema-

nal n'este concelho, convida os presidentes de todas as Associações de Classe, Juntas de Parochia e delegados d'aquellas que não tenham Associação, a comparecerem no edificio dos Paços do Concelho, pelas 5 horas da tarde do dia 20 do corrente.

Guimarães, 18 de março de 1911.

A Comissão,

José Pinto Teixeira d'Abreu  
Mariano da Rocha Felgueiras  
Manoel Caetano Martins.

**Agradecimento**

Alvaro da Costa Guimarães, restabelecido da operação a que teve de se submeter na Santa Casa da Misericordia, vem, na impossibilidade, de o fazer por outro meio, patenfear o seu perduravel reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram visital-o e se interessaram pelo seu estado, não só durante a sua permanencia n'aquella Santa Casa, como na sua residencia.

Muito penhorado igualmente agradece ao seu medico assistente e auxiliares Ex.<sup>mos</sup> Snrs. Doufores Joaquim José de Meira, Pedro Guimarães e Gilberto Pereira o cuidado e solicitude que lhe dispensaram durante o tempo em que careceu dos seus serviços.

Ho pessoal maior e menor d'aquella Santa Casa agradece a forma affectiva porque foi tractado n'aquella esplendida casa de caridade.

Guimarães, 18 de março de 1911.

**EDITAL**  
**Manifestações externas do culto**

O cidadão bacharel Eduardo d'Almeida, Administrador do concelho de Guimarães

Cumprindo regulamentar, segundo a portaria do Governo Provisorio da Republica Portuguesa, as manifestações externas do culto, para bem da ordem publica e garantia da liberdade de consciencia, determina-se:

1.—Sam em principio prohibidas todas as manifestações externas de qualquer culto religioso, procissões, paradas, exhibições ou praticas, fóra dos templos e recintos fechados e que a tal fim se destinam, salvo se por escripto for concedida licença em contrario pela auctoridade competente.

2.—Fica definitivamente prohibido o costume immoral e ridiculo do peditorio, pelas ruas, dos andadores, devotos, servos ou irmãos de confrarias, para missas, resas, festas religiosas ou qualquer outro acto do culto,

embora seja para o cumprimento de qualquer promessa ou obrigação particular.

3.—Na distribuição ou saída do Viatico aos enfêrmos não poderá o sacerdote ser acompanhado pelo povo, nem serão permittidos os canticos ou resas em publico, mas é-lhe consentido apenas levá-lo com umbella e revestido de habitos talares.

4.—Os funeraes, saimentos ou honras fúnebres dentro dos cemiterios e dos templos serão livremente regulados pela vontade do fallecido e, na falta de declaração escripta, em escriptura harmonia com as idéas que tenha manifestado em vida ou ainda subsidiariamente pela familia.

Os cadaveres podem ser acompanhados desde casa até o adro dos templos pelo ministro da religião apenas revestido de habitos talares, mas sem qualquer outro acompanhamento religioso—como o de irmandades, confrarias, etc.—, e sem cruz alçada ou qualquer outro emblema religioso.

E' porém consentido o uso de brandões ou velas acesas.

5.—Na visita pascal o sacerdote não pode ostentar qualquer emblema religioso, indo apenas revestido de habitos talares.

E' prohibido na cidade o uso de campainhas e de opas.

Nas freguezias ruraes a visita pode ser feita como de uso e costume e tanto nas aldeias como na cidade é permittido levar a cruz, mas sem ostentação.

6.—E' permittido realisarem-se nas freguezias ruraes as costumadas romarias e festejos e podem em geral, embora sob dependencia de auctorisação administrativa, sair procissões, mas só até o cruzeiro da igreja ou capella respectiva.

Guimarães, 14 de março de 1911.

E eu Manoel de Freitas Aguiar, secretario, o subscrevi.

O Administrador do concelho,  
Eduardo d'Almeida.

**AVISO**

**Batalhão de Voluntarios da Republica**

Convidam-se todos os membros da comissão executiva do Batalhão de Voluntarios da Republica, para uma reunião, que se realisará hoje, 18, pelas 9 horas da noite, na sede do Centro Republicano, para se tratar, entre outros assumptos, do regulamento interno, que, naquella sessão, será apresentado.

Participa-se tambem a todos os voluntarios que os exercicios continuam a effectuar-se aos domingos, na parada exterior do quartel de infantaria 20, das 2 ás 4 e meia horas da tarde, para o que se pede a todos a sua comparencia.

Caso o tempo não permittir o exercicio na parada referida, terá este logar no interior do edificio do mesmo quartel.

Pela comissão organisadora,  
Guilhermino A. Rodrigues.



ALVORADA

# SALGADO

RUA NOVA DE SANTO ANTONIO—GUIMARÃES

Grande saldo de pellerines e bichos de pelle

Com abatimento de 50 e 70 por cento

Camisolas de lã para senhora e homem

## CASA COMMERCIO E INDUSTRIA

FUNDADA EM 1864

AUGUSTO CUNHA & C.<sup>A</sup>

27, Rua Nova de Santo Antonio, 29

Armazem de ferragens nacionaes e estrangeiras

Vendas por junto e a retalho

Armazem de Lanificios e Tecidos d'algodão

DE

DUARTE, AREIAS & C.<sup>A</sup>

Largo do Tournal, 130 a 132 e Rua Nova de Santo Antonio, 1 a 5

GUIMARÃES

Vendas a preços fixos

## Casa High-Life

93, Rua da Rainha, 97

CHAPEUS PARA SENHORA E CRIANÇA  
(Ultimos modelos)

Exposição permanente no 1.º andar

Camisaria, Gravataria, Espartilhos  
e artigos de bordar

Deposito de luvas em todas as qualidades

— PREÇOS MODICOS —



## CARDOSO

TOURAL N.º 102 E 104

A casa que vende mais barato

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura		Preço das publicações	
Anno . . . . .	1\$200 rs.	Annuncios e communicados, por linha . . . . .	40 rs
Semestre . . . . .	600 "	Repetição, por linha . . . . .	20 "
Brazil, anno (moeda forte) . . . . .	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional . . . . .	"
Numero avulso . . . . .	20 "	Annuncios, não judiciaes, para os snrs. assignantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ex.<sup>mo</sup> Snr.